Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v3,
2021/02
ISSN 2178-6925

DO ÊMICO AO MÁGICO: AS TEORIAS DAS EMOÇÕES DE SARTRE E WITTGENSTEIN

TÍTULO FROM NA EMIC PERSPECTIVE TO A MAGIC ONE: SARTRE AND WITTGENSTEIN'S THEORIES OF EMOTIONS

Diego Candido Abreu

Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Professor EBTT do IFMA-Codó. Professor do Curso de Especialização em Língua Inglesa da PUC-Rio. E-mail: diegocurciodeabreu@gmail.com

Recebido: 29/09/2021 – Aceito: 10/10/2021

Resumo

O objetivo central deste trabalho é propor uma breve revisão e discussão das teorias das emoções desenvolvidas por dois filósofos de importância central para o pensamento ocidental no século XX. Estes são: Wittgenstein e Sartre. As obras de tais autores foram selecionadas por sua grande influência no pensamento contemporâneo acerca das emoções, pautado por uma inclinação êmica e um pendor subjetivista. Ademais a apresentação da visão de cada um dos pensadores, apresenta-se uma discussão acerca das implicações de suas teorias para a reflexão sobre as emoções. Ambiciona-se com este estudo disponibilizar um panorama detalhado do pensamento de ambos os filósofos sobre o tema em pauta, permitindo um aprofundamento das pesquisas na área das emoções.

Palavras-chave: Teoria das Emoções; Sartre; Wittgenstein.

Abstract

The main objective of this work is to present a short review of the theories of emotions and discussions coined by two key philosophers in the development of western thinking during the

Twentieth Century. They are Wittgenstein and Sartre. The works of those authors were selected due to their great influence in the contemporary reflection about the theme of emotions, guided by an emic inclination and a subjectivist leaning. Besides the presentation of both authors' views, a discussion about those theories will be proposed, highlighting their implication in the reflection about the emotions. The goal of this study is to make available a wide panorama about the ideas of both philosophers regarding the referred issue, allowing a deepening in the researches about the phenomenon of the emotions.
Keywords: Theory of emotions; Sartre; Wittgenstein.

1. Introdução

Poucos temas têm atraído tantos olhares ao longo da história das ideias como as emoções[1] humanas. Nos mais de dois milênios de desenvolvimento do ideário ocidental, pensadores das mais distintas áreas de formação vêm se debruçando sobre o problema, investigando-o por perspectivas as mais diversas. A pluralidade de obras dedicadas ao escrutínio de tal fenômeno por filósofos de diferentes épocas e correntes de pensamento evidencia o lastro histórico desse objeto de estudo (MARCONDES, 2001; KNNUTILLA, 2004).

No nosso tempo contemporâneo, o encantamento perante os afetos se inter-relaciona com um esforço de insurgência contra a tradição moderna, denominado de Pós-Modernidade (HARVEY, 1990). Essa vertente de pensamento ambiciona escrutinar todos os pilares da Modernidade a partir de uma postura crítica de ceticismo, propondo formas alternativas de compreender o mundo, formas que se afastam do cânone objetivista e essencialista moderno (ADORNO, 2009). No marco desse levante contra o ideário moderno, o encanto pelas emoções desponta como um novo campo de batalha contra os ídolos da Modernidade. Satanizada e diminuída a um vestígio de nossa animalidade pelos modernos, nossos afetos encontram uma revitalização na visão de mundo pós-moderna, sendo alçados à posição de elementos constitutivos da experiência humana no mundo.

[1] Emprego os termos emoção, paixão, sentimento, afeto, afetividade e sentir de forma intercambiável. Para uma explicação minuciosa de tal postura teórica, ver Abreu (2018).

Assentado na reflexão trazida nos parágrafos anteriores, o presente artigo conta com um objetivo central: apresentar uma revisão das teorias das emoções formuladas por Sartre e Wittgenstein. A escolha pela obra dos mencionados filósofos se dá pela influência destas na constituição dos preceitos básicos da visão pós-moderna acerca das emoções, orientada por um pendor êmico (de entender as ideias não por seu valor objetivo, mas por seu uso no discurso) e subjetivista. Considerando o esforço da contemporaneidade pós-moderna em desconstruir a estigmatização das paixões realizada durante séculos pelo pensar moderno, torna-se fundamental que gozemos de um entendimento aprofundado das teorias das emoções construídas de maneira dissidente do cânone das Luzes, de modo a ampliar nosso horizonte teórico acerca de diferentes possibilidades de concepção da esfinge dos afetos.

Além desta introdução, o artigo conta com mais três momentos. Adiante, exponho de forma sintética a teoria das emoções proposta por Wittgenstein. Na seção posterior, dedico meu olhar para traçar um breve panorama da concepção de emoção advogada por Sartre. Em seguida, promovo uma breve discussão acerca dos pontos de contato entre ambas as visões teóricas e suas implicações para o estudo das emoções. Por fim, trago algumas breves considerações acerca da pesquisa empreendida.

2. Revisão Bibliográfica

2.1. Entre a pureza lógica e a pluralidade êmica: as teorias das emoções de Wittgenstein

Nascido em Viena em 1889, Wittgenstein influenciou em grande medida a filosofia da linguagem contemporânea, especialmente no que tange aos estudos da pragmática e da semântica (MARCONDES, 2001). Sua obra é comumente dividida em dois momentos, denominados de “primeiro” Wittgenstein e “segundo” Wittgenstein. Apesar de alguns prolongamentos, a grande ruptura entre as duas fases se dá na concepção de linguagem sobre a qual o autor edifica sua filosofia,

passando de uma visão lógica e estrutural da linguagem para um entendimento mais complexo, fragmentado e social do fenômeno. No primeiro Wittgenstein, observamos uma grande influência de autores como Russell e, especialmente, Leibniz, no que se refere principalmente ao esforço em oferecer uma base lógica, não epistemológica, para a busca da verdade e do conhecimento do real (MARCONDES, 2001).

Um dos motes centrais da sua obra *Tractatus* (1994) (obra fundamental da primeira fase do pensamento do autor) reside no entendimento que a estrutura gramatical da linguagem não obedece a uma linearidade lógica, sendo, portanto, o ponto de partida da filosofia a rearticulação das bases linguísticas com vistas a possibilitar o surgimento de uma filosofia estritamente lógica. No entanto, esse edifício lógico rui no segundo Wittgenstein, dando origem a um olhar complexo, fragmentado e pragmático, que vislumbra a linguagem como uma prática social. Nesse sentido, partindo da noção de jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), o significado abandona sua redoma do *logos*, da estrutura e da forma, alçando-se sobre o solo da prática discursiva, que, por sua vez, se assenta na ação do indivíduo no mundo. Dessa maneira, uma palavra "significa" aquilo que o seu emprego em uma situação interativa real preconiza, ou, como coloca Wittgenstein (1999) "o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem."

Como exposto acima, o termo jogos de linguagem[2] se refere à "ideia de que as palavras são usadas sempre dentro do contexto das práticas sociais cotidianas com um propósito particular" (MASCOLO, 2005, p. 261). Nesse sentido, o método de análise dos fenômenos psicológicos apresentado por Wittgenstein envolve a investigação da forma como os termos referentes à psicologia são utilizados pelas pessoas leigas e especialistas em suas interações ordinárias. Esse entendimento acerca da natureza da linguagem guia o autor a desenvolver um critério de publicidade discursiva da experiência subjetiva. Esse critério advoga a impossibilidade de uma forma de linguagem privativa ao indivíduo; de tal forma que termos como felicidade, tristeza e dor ganham seu colorido significativo no compartilhamento desse significado de maneira intersubjetiva.

[2] Language games.

Ancorado nessa ideia da publicidade da experiência, Wittgenstein (1999) apresenta uma concepção social de expressão. Para o autor, a expressão não decorre de uma simples e mecânica veiculação externa de um determinado conteúdo psicológico existente na mente do indivíduo a priori, mas sim uma parte inerente ao processo de construção do significado psicológico dessa experiência. Naturalmente, Wittgenstein não alega a inexistência de uma esfera particular e idiossincrática da experiência. Porém, o autor pontua que, entrelaçada a esta dimensão particular da experiência, se encontra a sua dimensão social, da qual não pode ser dissociada. Da mesma forma, esse universo singular e individual da experiência psicológica é tão inacessível para o indivíduo que a vivencia quanto para um estranho que apenas tem contato com o seu discurso, uma vez que os mecanismos simbólico-culturais de construção de significado são essencialmente sociais (se materializando nos diferentes processos, relações e semioses sociais).

Essa reorganização teórica dos fenômenos psicológicos – relacionando-os intimamente com sua construção discursiva e interacional – enseja consequências relevantes para o estudo das emoções, entendidas por Mascolo (2005) como a possibilidade de "leitura" da experiência emocional do outro a partir da sua expressão pública dentro de uma arena social. Desse modo, a investigação das emoções ganha um novo campo laborial, se aproximando da linguagem não apenas como um objeto a partir do qual infere-se estados mentais interiores (entendendo a linguagem como um veículo expressivo imperfeito e ruidoso), mas, primordialmente, como um elemento constituinte da própria experiência emocional e, ontologicamente, da própria materialidade das emoções.

Entendendo que a experiência emocional não seja inerentemente íntima, mas social – apenas se desvelando para o *eu* e para o outro de diferentes formas -, Wittgenstein sustenta filosoficamente a análise discursiva em terceira pessoa (porém, sempre dialógica) das emoções. Como o autor (1999, p. 33) coloca

> em geral, eu não suponho o medo no outro - eu o vejo. Eu não sinto que estou deduzindo a existência de algo interior a partir de algo exterior; antes, é como se a face humana fosse, de certa forma translúcida e eu estivesse vendo o medo não em uma luz refletida, mas em sua luz própria.

Nesse momento, faz-se imperativo salientar a importância da visão do "segundo" Wittgenstein (1999) para a construção da perspectiva teórico-metodológica sobre a qual a visão pós-moderna, hegemônica contemporaneamente, se alicerça. Na esteira da reflexão wittgensteiniana, as emoções tendem a ser entendidas como um cômpito de diferentes facetas, dentre as quais, constitui-se a face discursiva – naturalmente, articulada e entremeada pelos outros fatores, como o fisiológico, comportamental, dentre outros. Da mesma forma, defende-se a perspectiva de que a experiência subjetiva é sempre holisticamente corporificada e construída discursivamente; isto é, não pode ser representada (como preconizava o cartesianismo) como uma expressão de um estado interno. Pelo contrário: ela tem em sua expressão e construção social uma parte fundamental de sua própria existência e, especialmente de sua significação (inter-)subjetiva. Sendo assim, uma das plataformas de acesso privilegiado para as emoções (próprias ou alheias) se encontra no discurso acerca destas, tanto como atividade elucubrativa de teorização sobre a natureza e a definição das emoções quanto como empreitada narrativa de (re-)construção discursiva da experiência emocional – ou, como ocorre na maioria dos casos, um misto dos dois.

Em grande medida, os estudos de Wittgenstein acerca dos jogos de linguagem e seu papel na constituição da substância social da prática discursiva representaram um dos marcos na virada êmica ocorrida no século XX. Instados pela obra do pensador austríaco, inúmeros intelectuais contemporâneos têm tentado olhar para os fenômenos da vida humana em busca de entender de que maneira as pessoas o compreendem em suas interações cotidianas. Pensada pelo ângulo das emoções, essa revolução êmica implica deixarmos de indagar acerca de quais atributos ou propriedade qualificam e caracterizam um afeto como o amor ou a alegria para nos indagarmos: o que pensa um determinado sujeito quando emprega esses termos em uma conversa corriqueira? Qual o seu significado para esses indivíduos?

Apresentados os fundamentos da concepção wittgensteiniana de emoção, sigo o esforço de revisão empreendido neste estudo com o pensamento de outro autor do século XX que goza de grande influência na contemporaneidade. Vemos, adiante, a teoria das emoções de Sartre.

2. 2. O mundo mágico da consciência subjetiva: a teoria das emoções de Sartre

Sartre foi o maior exemplo no século XX do intelectual politicamente engajado, ou *maître à penser*, cujas ideias e opiniões possuem relevância e influenciam os direcionamentos da sociedade (MARCONDES, 2001). A obra sartriana é marcada por duas fases: a fenomenologia e o existencialismo. Dentre as obras compostas durante a primeira fase de seu pensamento está o seu *Esboços de uma teoria das emoções* (1939), que será detalhadamente esmiuçada nesta seção. Porém, tentarei articular algumas ideias centrais desenvolvidas na sua teoria das emoções com alguns conceitos construídos ao longo da fase existencialista de seu pensamento, em especial, presentes na obra *O ser e o nada* (1943). No que tange à fase existencialista de Sartre, ela possui a sua exposição mais contundente na obra *O existencialismo é um humanismo* (1946), sendo também desenvolvida em seus romances e peças teatrais.

Sartre inicia sua exposição em seu *Esboço* (1939) com a apresentação de um compêndio de críticas contra algumas visões sobre o fenômeno das emoções influentes em seu tempo. Nessa linha, o filósofo discorre acerca das falhas presentes na teoria da sensibilidade cerebral de Sherington, na perspectiva psicastênica da Janet e na psicologia de Henri Wallon, ressaltando, especialmente, o caráter redutor e as incoerências dessas investigações. Em seguida, Sartre se debruça sobre a aparente contradição erguida no seio da teoria psicanalítica acerca do papel da consciência e sua relação com o inconsciente. Segundo o autor (1939, p. 18), se a nossa mente organiza as respostas emocionais para as distintas situações externas, como pode fazê-lo sem ter disso consciência? Em outras palavras, Sartre compartilha das críticas que apontam a psicanálise como uma teoria das sombras e das profundezas, onde as pulsões, apetites e processos inconscientes assumem uma função exotérica de oferecer uma explicação pseudo-racional para a dinâmica cognitivo-afetiva da mente humana.

Para Sartre, uma visão fenomenológica deveria superar as contradições das teorias que a antecederam e apresentar uma perspectiva holística o suficiente para

dar conta da riqueza do fenômeno em pauta, porém, sem desandar para o abismo da incoerência e do ocultismo. Imbuído desse labor, Sartre constrói um entendimento das emoções como uma forma de estabelecimento de uma relação particular entre o sujeito e o mundo. Para o autor, um dos erros fulcrais de grande parte das teorias das emoções é entender esse fenômeno como um processo relativamente autônomo que recai sobre o indivíduo. Assim, uma emoção seria apenas catalisada por um certo tipo de interação com o meio, porém, uma vez finalizada a internalização subjetiva desse encontro – no qual o mundo representa muito mais o gatilho do que a bala ou a arma -, as demais etapas desse fenômeno envolvem apenas os diferentes estados de consciência.

Na esteira dessa crítica, Sartre (1939, p. 18) afirma: “para eles (os psicólogos) a emoção se distancia do objeto para absorver-se em si mesma.” No entanto, na perspectiva da fenomenologia sartriana, as emoções não apenas mantém uma relação de intimidade existencial com o objeto e o sujeito que as ensejou em sua gênese, como também neles encontram a seiva que as nutrem. Acerca desse ponto, Sartre apresenta uma série de exemplos, como a fuga em um rompante de medo – impossível de ser dissociada tanto do indivíduo que escapa quanto do objeto do qual se almeja fugir - e a raiva que, da mesma forma, possui em seus dois polos constituintes centrais um indivíduo raivoso e um aspecto do mundo enraivecedor. Nesse sentido, Sartre (1939, p. 19) expressa sua visão de forma cristalina: “em uma palavra, o sujeito emocionado e o objeto emocionante encontram-se unidos em uma síntese indissolúvel.”

Como forma de sustentar a perspectiva da indissolubilidade entre o sujeito e o mundo, Sartre busca desconstruir o axioma do paradigma ação – reflexão. Segundo essa ideia, a ação é sempre antecedida por um comando reflexivo, formando uma cadeia infinita de sucessões binárias (reflexão – ação – reflexão...) desligadas essencialmente uma das outras. Para o autor (1939, p. 19), não obstante a impossibilidade de negar a existência da ação regida pela reflexão, “uma operação sobre o universo se realiza, na maioria dos casos, sem que o sujeito abandone o plano irreflexivo.” Sartre entende a irreflexividade como um estado de consciência que não tem consciência de si. Como exemplo, o filósofo cita o trabalho da escrita. Apesar de termos consciência de estarmos realizando

esse labor, ninguém afirmaria que todas as palavras que preenchem o papel, na ordem singular que o fazem, são deliberadamente e conscientemente concebidas pelo escritor.

Como coloca Sartre (1939, p. 20), “as palavras são uma potencialidade que há de ser realizada”. Todavia, esse potencial não é realizado pelo eu. A consciência nesse processo é apenas uma testemunha, não uma criadora; o corpo é um mecanismo de realização, não um soberano – o autor das palavras (verdadeiro escritor) é o encontro de uma determinada faceta do mundo com um sujeito, cuja subjetividade transcende a própria consciência. Apresentadas essas reflexões de Sartre acerca da constituição psicológica e subjetiva humana, podemos avançar para as palavras do autor sobre as emoções.

Na concepção sartriana, conforme aponta Solomon (2003, p. 100), “uma emoção é ‘uma certa forma de apreender o mundo’, ‘uma transformação do mundo’, ‘um modo de existência da consciência’, ‘uma estrutura existencial do mundo’. Essa compilação de definições apresentadas por Sartre, apesar de plural, apresenta um denominador comum fulcral: a relação inabalável entre o indivíduo (entrelaçando o corpo, a consciência, a subjetividade, o eu e o binômio *Id* / *Superego* freudiano) e o mundo, que com aquele constrói um estado de intersubjetividade. Na realidade, para Sartre, a emoção é a construção de um novo mundo, ou, mais especificamente, uma nova relação entre o eu e esse mundo. No entanto, essa construção de uma nova realidade não se configura como um jogo ou uma ação deliberada e volitiva; antes, ela poderia ser compreendida de forma análoga ao exemplo da ação da escrita em sua irreflexividade inerente, conforme apresentado anteriormente.

Esse novo mundo é uma necessidade psicológica e subjetiva da existência humana. Por um lado, esse cenário mágico construído apresenta-se como um mecanismo de sobrevivência. Essa sobrevivência, contudo, não deve ser entendida pelas lentes do evolucionismo darwinista, mas sim no seio da profundidade e da complexidade da relação que abarca o indivíduo e o mundo. Por outro lado, esse novo mundo figura como uma armadilha da qual a consciência batalha para manter-se cativa. Naturalmente, a consciência, apesar de enxergar as grades e sentir a frieza dos grilhões, não se dá conta que está aprisionada, uma vez que,

mesmo estando alterada a configuração subjetiva a partir da qual o indivíduo se relaciona com o mundo, os processos materiais que balizam essa relação não se modificam apenas pela existência desse novo universo. No trecho abaixo, as belas palavras de Sartre (1939) não deixam margem à dúvida sobre essa relação contraditória do indivíduo com o seu mundo emocional:

> A impossibilidade de encontrar uma solução para um problema, apreendido objetivamente como uma qualidade do mundo, serve de motivação à nova consciência reflexiva que apreende agora o mundo de outro modo e sob um novo aspecto que impõe uma nova conduta - através da qual é apreendido esse aspecto - e que serve de matéria (*hylé*) a essa nova intenção.

Como exemplo para sua teoria das emoções, Sartre deambula sobre duas emoções distintas, o medo passivo e a tristeza. Acerca daquele, Sartre afirma que, ao encontrarmos uma besta no meio da floresta, somos tomados pelo medo que advém da relação dramática - cujas condições parecem inexoráveis - entre o indivíduo e o mundo. No calor dessa emoção, nosso corpo se estiola e nós desmaiamos. Ao contrário do que uma análise causal poderia sugerir, esse desmaio, aparentemente nada adequado à situação, nos serve como um refúgio. Como Sartre (1939) coloca, se não posso evadir o perigo através de mecanismos e instâncias materiais, preciso negá-lo psicologicamente. No que se refere à tristeza, esta é entendida por Sartre como produto de uma mudança radical no paradigma dos recursos disponíveis para a perpetração da minha ação material. Nesse cenário de desilusão, a mente irreflexivamente constrói um novo mundo de tristeza, no qual mergulho em prostração e introversão, não me vendo forçado a aceitar essa nova conjuntura de fatores materiais que dificultam e obstaculizam a minha ação.

Apesar de palavras como mundo mágico, mundo da consciência e novo mundo darem a impressão de que as emoções para Sartre representarem um devaneio, um delírio ou uma amostra cotidiana da loucura; essa configuração mental lúdica representa na visão do autor um estado natural e essencial da nossa mente – “um modo de existência da consciência” (SARTRE, 1939, p. 31). Nesse sentido, as emoções podem ser entendidas como um contínuo que baliza a profundidade que mergulhamos em um estado de consciência mais ou menos

deslocado das percepções materiais que constrangem nossa interação com o mundo real, ou, como aponta Sartre (valendo-se de uma expressão heideggeriana), uma forma do indivíduo ser no mundo.

A grande ruptura observada na posição desenvolvida por Sartre nas obras correspondentes à fase existencialista do seu pensamento (especialmente em *O ser e o nada* [1943]) acerca do tema das emoções se refere à concepção do mundo mágico da consciência e sua relação com o mundo material. Como aponta Solomon (2003), no segundo momento de seu pensamento, Sartre se distancia do entendimento de um *eu* transcendente – herança da filosofia husserliana – e passa a compreender a consciência como um elemento presente também no mundo real. Dessa forma, o cenário emocional construído por nossa consciência como um subterfúgio de alinhamento psicológico a um dado contexto da realidade material não representa apenas um refúgio ou uma armadilha; esse "mundo mágico" se envolve e se entrelaça com o mundo material, influenciando o destino deste. Nesse sentido, o grau de influência do universo da consciência subjetiva no mundo objetivo será balizado pela configuração da expressão ensejada por essa emoção no mundo. Tomando como exemplo o medo: assim como este afeto pode nos levar um desmaio diante de uma fera na floresta, ele também pode nos colocar em um estado de alerta e cautela, municiando-nos com elementos de prevenção e defesa diante de uma ameaça iminente, isto é, exercendo influência no mundo real no que tange à nossa sobrevivência biológica.

Exposta a teoria das emoções de Sartre, na seção seguinte, promovo uma discussão acerca dos pontos de contato e complementariedade entre ambas visões aqui apresentadas e suas implicações para um estudo contemporâneo das emoções.

2. 3. Encontro entre Sartre e Wittgenstein no seio da contemporaneidade

A atenção devotada à reflexão de Sartre e Wittgenstein sobre as emoções neste artigo deriva-se da centralidade de ambas as teorias na composição do entendimento contemporâneo acerca das emoções. Apesar de seus pontos de divergência, é patente que os olhares dos autores possuem uma área de tangência

e um caráter de complementariedade expressiva. A noção de emoção como um mergulho em um mundo particular da consciência - rearticulada como um estado de consciência que não é prisioneiro de si, mas dialoga e age materialmente na realidade -, tangencia a concepção wittgensteiniana de expressão emotiva no discurso como um elemento constituinte da própria emoção.

A contemporaneidade, impulsionada por ideias de ruptura com o cânone moderno, articula esses dois ideários teóricos em sua visão sobre as emoções, entendendo que uma forma privilegiada do mundo mágico da consciência influir na realidade material reside na construção sócio-discursiva das emoções em uma arena interacional. Defende-se, nesse sentido, que essa construção que enseja uma passagem do mundo mágico para o mundo objetivo (da subjetividade à intersubjetividade) é uma inerência do próprio fenômeno emotivo, ou seja, sem essa transição a emoção simplesmente não existiria (BELLI, 2009; HARRÉ, 1998). Dessa forma, as emoções (assim como as demais funções psicológicas do indivíduo) possuem uma ontologia binária, existindo tanto no plano psicológico quanto na esfera material. Sendo assim, uma emoção (enquanto elemento subjetivo) inexoravelmente exerce influência sobre o mundo concreto, tornando-se também um construto presente no plano intersubjetivo e objetivo; mesmo que o raio de influência desse fenômeno se limite apenas ao próprio corpo do indivíduo.

Do encontro entre o pensamento sartriano e wittgensteiniano emerge um entendimento que descreve as emoções como um fenômeno (inter-)subjetivo e objetivo que se materializa em sua expressão (construção) a partir de diversas semioses – dentre as quais, destaca-se o discurso construído no seio da interação social (HARRÉ, 1998; BUTLER, 2004). Essa materialização está entrelaçada a uma experiência emocional subjetiva (o mundo mágico dos *Esboços* do Sartre) que se efetiva quando transformada em realidade no mundo objetivo. Dialeticamente, há de se compreender as emoções como um fenômeno que, não apenas transita por dois mundos - o intrapsicológico e o interpsicológico -, mas que torna turva as suas fronteiras.

Ancorado nessas reflexões, ganha relevo a ideia de prática, de importância central nas discussões contemporâneas acerca do tema das emoções (BUTLER, 2004; BELLI, 2009). Essa ideia é complexa e possui diferentes (e até

contraditórios) desdobramentos, com base na trajetória reflexiva construída por cada pensador. Uma maneira de pensar esse conceito - naturalmente não-exaustiva, porém representativa de suas diferentes aplicações teóricas - foi sistematizada por Wetherell (1998, p. 23). Para a autora, a prática é uma forma de "conceituar a ação social como em constante movimento enquanto ainda reconhecendo que o passado e o que foi feito antes, constrange o presente e o futuro." Portanto, como evidenciado acima, a prática corresponde à inscrição da ação social em um contínuo histórico. A autora prossegue: "a prática é, ao mesmo tempo, um substantivo e um verbo. É uma atividade e para os participantes é um ponto de referência estabelecido e um local de repetição." A partir dessa ideia, Wetherell (1998, p. 19) erige o conceito de prática afetiva, entendido como "uma figuração onde as possibilidades e rotinas do corpo se tornam recrutadas e interligadas juntos à construção de sentido e outras figurações materiais e sociais". Nesse sentido, o conceito de prática afetiva se articula com a teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein, pois oferece um dispositivo teórico de historicização e corporificação do fazer social e afetivo, constituído no marco dos jogos interacionais estabelecidos pelos indivíduos em seus respectivos esforços de significação.

Outro aspecto importante concernente ao conceito de prática é o seu papel no estabelecimento de um diálogo profícuo entre as emoções e o discurso – duas ideias de relevo no pensar hodierno. Entendendo a nossa afetividade como inserida em uma teia histórica de sentidos, o meio fulcral de materialização dessa prática afetiva se torna o discurso. Porém, a relação entre a linguagem e a emoção não se institui como um espelhamento, ou seja, o discurso não apenas se configura como um canal de representação de um elemento cognitivo preexistente. Pelo contrário, o discurso se articula como uma ação social, uma prática, construindo os elementos afetivos e por eles sendo balizado no seio da interação social. Dessa forma, o discurso em si também se edifica como uma prática, ensejando a inexorável polimerização de ambas as práticas em um momento de ação social unívoco. Portanto, se constitui uma inter-relação dialética entre a prática afetiva e a prática discursiva, pois, assim como o discurso não pode existir sem o afeto que o balize subjetivamente, o afeto, na ausência do plano discursivo, seria

imaterializável e inefável, tornado cativo do plano dos delírios da mente e das reações orgânicas intangíveis. É justamente do encontro do mundo mágico subjetivo de Sartre e dos jogos de linguagem de Wittgenstein que se torna possível a materialização das nossas emoções em palavras e gestos, que a tornam comunicáveis, constituindo-as em um fenômeno social.

Essa conversa entre os modelos teóricos propostos por Sartre e Wittgenstein abriu caminho para uma miríade de novas possibilidades de compreensão acerca das emoções, em sua articulação inerente com a prática discursiva. Inúmeros foram os trabalhos teóricos e analíticos, desenvolvidos nas mais distintas áreas do saber, que se debruçaram sobre o tema dos afetos a partir dessas lentes que associam emoção, discurso e prática (ZEMBYLAS, & SCHUTZ, 2009; PAVLENKO, 2005; BOLER, 1999; COELHO; BARCELOS, 2016; SILVA; BARBOSA, 2016).

Realizada essa breve discussão acerca dos pontos de contato entre os esquemas teóricos acerca das emoções defendidos por Sartre e Wittgenstein e suas implicações para a reflexão hodierna sobre o tema, teço algumas considerações finais a respeito da pesquisa registrada neste escrito.

3. Considerações Finais

O pensar do mundo contemporâneo se destaca por seu movimento em busca da superação dos séculos de obediência diante ao cânone moderno de culto à racionalidade e reconciliação com as emoções que dão cor e sabor à vida humana (MOITA LOPES, 2006). Como resultado, uma série de estudos que colocam suas fichas em formas pouco ortodoxas de aproximação da esfinge das emoções tem marcado o panorama intelectual do pensamento ocidental desde a segunda metade do século XX, marcando um movimento denominado de Virada Afetiva (PAVLENKO, 2013). NÃO passo em que esses estudos revitalizam pensadores de antanho que tiveram seus trabalhos esquecidos ou soterrados pelo culto à razão moderna (podemos citar as obras de autores como Heráclito, Nietzsche, Kierkegaard e tantos outros), inicia-se um distanciamento sistemático das concepções de emoção orientadas pelo estandarte da Modernidade, assentado em um racionalismo e logocentrismo radical. O efeito imediato desse conjunto de

mudanças que vêm caracterizando a produção intelectual contemporânea sobre o objeto dos afetos é o reavivamento do interesse acerca de pensadores do passado, que, ainda que não iluminados pelo espírito combatente do patocentrismo (PAVLENKO, 2013) de hoje, ousaram entabular suas ideias de maneira dissonante com o canto consonante das Luzes.

Alumiado pelas reflexões explicitadas no parágrafo anterior, o presente trabalho voltou seus olhos para as teorias das emoções propostas por Sartre e Wittgenstein, que marcaram a alvorada do estudo acerca do tema em questão no século XX. Tal esforço teve como objetivo disponibilizar um panorama acerca de tais arcabouços teóricos e uma discussão sobre os seus desdobramentos no pensamento contemporâneo sobre os afetos. Contudo, mais importante que conhecer em detalhe a obra desses grandes expoentes da intelectualidade do século passado é apropriar-se dos seus ensinamentos e suas ideias com o fim de entender de maneira mais aprofundada as emoções em toda a sua complexidade e riqueza.

Referências

ABREU, D. C. **O inglês à flor da pele: investigando o processo de construção discursiva das experiências emocionais em trajetórias de aprendizagem de língua inglesa** (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.

ADORNO, T. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BARCELOS, A. M. F. COELHO, H.S.S. Language Learning and Teaching: What love's got to do with it? In: Peter MacIntyre; Tammy Gregersen; Sarah Mercer. (Org.). **Positive Psychology in SLA**. 1ed.New York: Multilingual Matters, 2016, v. 1, p. 130-144.

BELLI, S. . La construcción de una emoción y su relación con el lenguaje: Revisión y discusión de una área importante en las Ciencias Sociales. **Theoria** , v. 18, p. 15, 2009.

BOLER, M. **Feeling power: Emotions and education**. New York, Routledge. 1999.

BUTLER, J. **Undoing Gender**. New York and London: Routledge, 2004.

HARRÉ, R. **The Singular Self**. London. Thousand Oaks. New Delhi: Sage Publications, 1998.

HARVEY, D. **The condition of postmodernity**. Oxford/Cambridge, Basil Blackwell, 1990.

Barbosa, T. D. J. P., de Souza Lima, M., & de Figueiredo Coelho, S. S. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro-Unipac ISSN*, *2178*, 6925.

KNNUTTILA, S. **Emotions in Ancient and Medieval Philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 2004.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MASCOLO, M. F. Changes processes in development. The concept of coactive scaffolding. **New Ideas in Psychology**, 23, p. 185–196, 2005.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

SOUZA, Gabriela Duarte; DE SOUZA LIMA, Marilda; NEGREIROS, Rivani Lopes. A IMPORTANCIA DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro–Unipac ISSN**, v. 2178, p. 6925.

PAVLENKO, A. **Emotions and multilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

_____.The Affective Turn in SLA: From 'Affective Factors' to 'Language Desir e' and 'Commodification of Affect'. In: **The Affective Dimension in Second Language Acquisition**. Ed: BIELSKA, J.; GABRYS-BARKER, D.; Salisbury. 2013. pp. 5-61.

SARTRE, J. P. **Esboço de uma teoria das emoções**. Tradução de A. Pastor. Fernandes.Lisboa: Editorial Presença, 1972.

_____. **L'Être et le Néant**. Paris: Gallimard, 1943.

_____. **L'Existentialisme est un humanisme**. Paris: Nagel, 1946.

SCHUTZ, P. A.; M. S. ZEMBYLAS (Eds.). **Advances in teacher emotion research**. Dordrecht: Springer. 2009.

SILVA, F.V.; BARBOSA, M.S.M.F. Até que o ghosting os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. **Calidoscópio** Vol. 14, n. 2, p. 265-275, mai/ago 2016.

SOLOMON, R.C. Emotions, Thoughts, and Feelings: What is a Cognitive Theory of the Emotions and Does It Neglect Affectivity? - In HATIMOYSIS, A. (ed.), **Royal Institute of Philosophy Supplement**. Cambridge University Press, 2003. pp. 1-18.

WETHERELL, M. Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and post-structuralism in dialogue. **Discourse and Society**, 9(3), 387-412, 1998.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).

_____. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1994.